



Arrodeio

Maíra Vale

Ana Cecília Campos

então tudo começa porque há uma estrada. caminho de pó, terra pura, atalho pelo meio do que talvez um dia fosse tudo mata densa. depois foi propriedade privada, pasto, rodovia que corta o brasil ponta a ponta na bainha do litoral. dono tinha, mas fizeram vista grossa, ou antes somente fosse. fizeram guerra e muito sangue. (Deisiane Barbosa, 2023, p. 21)

Em uma de nossas conversas por telefone em junho de 2021, Mainha me contou como aprendeu a costurar, a negociar com roupas em feiras, a vender de *porta em porta* e agora na sua *lojinha*. Um pouco antes de nos despedirmos, Mainha arrematou nosso diálogo com a expressão: *Minha vida todinha foi no meio dos panos!* (Lucas Calu Melo, 2024)

Se você for assistir outros Bois... se você botar o Boi de Mainha, se você botar o Malabar, tem tanto boi na minha mente, mas na hora... tudinho, é sempre o mesmo enredo: a Catirina que quer comer a língua do Boi; Mateus que mata o boi para dar de comer e o menino não nascer com cara de língua. Nós fazemos uma coisa diferente. Na nossa história a fome é de cultura. É isso, a gente traz a política, a noção de política pública para a rua. Esse é o papel da Catirina no Boi Mandingueiro. **Eu não sei se deu para entender ou se eu arrodiei demais, acho que arrodiei demais, não foi?** (Andréa Guerreira, no prelo)

Por que importa lançar a Revista Paisagens Econômicas? Essa foi a pergunta feita ao imuê - Instituto Mulheres e Economia para o evento de lançamento do periódico em parceria com o Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar¹. É com os três trechos acima que gostaríamos de começar a respondê-la. O primeiro é de Deisiane Barbosa, uma das pesquisadoras do imuê, em casamendoreira da Coleção Cachoeiras, que será apresentada a seguir. O segundo é de Lucas Calu Melo, no volume de abertura da Revista Paisagens Econômicas. E o terceiro é da mestra da cultura popular de Pernambuco e presidenta do grupo Boi Mandingueiro, Andréa Guerreira. Caminharemos, sobretudo, com a forma de contar sobre luta e encontros arrodando de Mestra Andréa. Arrodear conhecimento em diversas formas narrativas faz parte da luta do imuê².

¹ Este texto foi apresentado no lançamento deste periódico durante o 1º Seminário Paisagens Econômicas, que aconteceu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) entre os dias 05 e 07 de agosto de 2024.

² Ver a seção de publicações na nossa página: <https://institutoimue.org/category/publicacoes/>. Além das redes sociais do instituto e da nossa parceira em publicações, andarilha edições: [https://www.instagram.com/institutoimue/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/institutoimue/?hl=pt-br;); <https://www.instagram.com/andarilhaedicoes/?hl=pt-br>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Quais são as histórias que precisam ser contadas? E de que modo narrativas precisam circular para produzir em nós a capacidade de imaginar futuros possíveis?

São perguntas que nos habitam nessa caminhada de produzir e fazer circular histórias capazes de contar mundos vivos e fazer com que possamos manter-nos juntos, em corpos-que-fazemos ao longo da nossa vida, como convocam Annemarie Mol e John Law (2007). Ou como coloca Donna Haraway (2022, p. 13, tradução nossa), são "perguntas urgentes acerca de como contar histórias que ajudem a reescrever a

história para os tipos de vida e morte que merecem melhores presentes e futuros férteis". Nossa proposta de co-criar textos escritos com ritmo de fala também nos ajuda a repensar a produção de relatos e dados de campo de maneira coletiva e não individual, e sempre atentar para a forma do texto. A forma do texto faz parte do argumento que construímos, e é com criatividade que buscamos produzir conhecimento em revistas acadêmicas, em livros autorais de mestras e mestres, em livros coletivos sobre nossa proposta de trabalho.

Importam, assim, os modos como são feitos. Em muitos dos trabalhos de publicação do imuê, os textos foram construídos a partir de áudios ou conversas gravadas. Neles, a própria forma da transcrição da fala foi em si um processo conjunto de escrita - tanto na passagem de áudio para texto quanto na marcação de pausas e seleção de trechos -, e a rememoração é uma reflexão teórica ao se contar histórias de vida coletivas. E também usamos a metodologia dos levantes poéticos produzidos por Deisiane Barbosa (2020), encontros para a escrita coletiva de histórias através do que a autora chama de "invenção de memórias e compartilhamento de sonhos", que busca, dentro do campo artístico, maneiras diferentes de contar narrativas de mulheres.

Os modos como são feitos também se encontram com os modos com que são contados. Cada um desses textos produzidos coletivamente conservam o estilo narrativo de suas autoras. Com Andréa Guerreira, ele é movimentado não pelos acontecimentos, mas pelos encontros. E por isso mesmo é uma

narrativa que arroteia. Nesse tipo de contação de história os encontros aparecem-e-voltam-a-aparecer de modo reiterado, numa repetição que indica a multiplicidade de efeitos que os cerca.

Além dos modos como são feitos e contados, importa também o que eles nos fazem sentir. Esses relatos são capazes de nos confrontar com o que nos mobiliza. Ler sobre a vivência do Boi Mandingueiro, por exemplo, é um convite a dar importância ao cuidado cotidiano de nossas próprias práticas, naquilo que nos mobiliza em direção aos encontros capazes de manter viva a cultura popular e seu potencial de fazer vivas as gentes. Revisitamos com essas formas os personagens e pessoas que nos apaixonam, o afeto pelas histórias que nos compõem e as imaginações capazes de nos colocar diante de relações de fazer “vivência”, de manter-nos juntos.

Essas leituras também pedem licença para uma dimensão de cuidado com as sensibilidades cotidianas que nos são apresentadas. Pipoca, confeitos, bolo de milho, axé, máquinas de costura, panos, linhas, arremates. Sabores e fazeres de quem quer fazer vínculo, dar de comer, fazer crescer. Além disso, elas tensionam um estilo narrativo consagrado no mundo literário e acadêmico que, Ursula Le Guin nos conta, é capturado pelo herói, que está a serviço do herói (Le Guin, 2022).

O projeto de escrita coletiva com autoras baianas negras da Coleção Cachoeiras, por exemplo, nos permitiu construir narrativas bastante distintas daquelas que marcam a história

oficial do Recôncavo da Bahia. A história oficial pensava a cidade através de classificações, explicações e noções de fatos históricos e contava sobre os seus tempos de glória no período colonial, sua fundamental participação na Independência da Bahia, a riqueza dos seus engenhos (Vale, 2018).

Com a Coleção, a região passou a ser contada em histórias sobre o cenário de cultura e dança em Cachoeira (Foi um prazer estar em sua companhia, Clara Amorim Duca, 2023); os contos da Ladeira do Milagre e da Gruta de Santa Bárbara em São Félix (Memórias de uma Menina da Ladeira, Lucineide Souza, 2023); o surgimento do Samba de Roda de Dona Dalva e sua relação com a trajetória de mulheres negras do Recôncavo na luta pela patrimonialização, transmissão e preservação desse bem imaterial (O samba do pé e da palma delas, Any Manuela Freitas, 2023); a autobiografia de uma casa de adobe entremeada pelas histórias de uma amendoeira e a família que as plantou, em um recôncavo-casa de farinha (casamendoeira, Deisiane Barbosa, 2023); e o caminho de uma mulher com fome de conhecimento que enfrentou um casamento que não lhe permitia abrir as asas (Ninguém fica no silêncio, Rose Miranda, 2023).

São relatos em que os modos de contar estão imbricados nas práticas cotidianas de fazer a vida, de resistir aos cenários distópicos, de contornar as previsões de morte e de militar a partir de contextos de marginalidade. Nesse sentido, essas narrativas se conectam com a luta de outras comunidades

periféricas, negras, indígenas e quilombolas que em paisagens mais diversas resistem às circunstâncias em que a sua “vivência”, como Mestra Andréa fala do cotidiano no Boi Mandingueiro, é negada. Diante de todos esses encontros aqui mencionados, recompomos imaginações sobre o que é possível realizar diante de contextos em que as narrativas heroicas falham em produzir efeito.

De volta aos trechos que ouvimos para abrir aqui os trabalhos. Diante das perguntas que os tempos nos colocam, vemos ali os procedimentos de fazer a vida e suas práticas cotidianas de cuidado: construir atalhos que permitem escapar do mundo avassalador que acompanha as rodovias e suas marginalizações. Aprender como as costuras de tantas mainhas que viveram no meio dos panos nos ensinam a arrematar, a suturar a história de um passado violento (Paulino, 2017) e imaginar outra roupagem, outra modelagem para os dias que virão para nós e para tantos seres da terra; é ver a política na brincadeira que se faz, nas histórias que contamos. E no arrodeio do boi, girar junto!

Essas três diferentes propostas, assim, potencializam agenciamentos na escrita por meio de uma experiência reflexiva conjunta, que faz ver a geopolítica dos corpos (Figueiredo, 2017) e desestabiliza lugares naturalizados daqueles que por séculos foram considerados os intelectuais e autores, sempre indivíduos, produzindo suas narrativas generalizadoras e grandiosas sobre um mundo etéreo.

Elas também vão em busca de especulações indígenas, quilombolas, camponesas, sertanejas, mais que humanas, ficcional-científicas e outras, que revelem modos de viver que são simultaneamente constituintes e contraditórios ao projeto capitalista, e que ativem imaginações feministas da vida, "futuros próximos, futuros possíveis e presentes implausíveis, porém reais" (Haraway, 2016, p. 136). Elas produzem experimentações etnográficas a cada engajamento com as pessoas com as quais construímos pesquisa e luta (Morawska, 2022) como o LE-E e Calu Melo fazem. A escrita é um ato político, afirma Any Manuela Freitas (2023) ao trazer o cotidiano de duas tataravós, a formação do Samba de Roda de sua avó, o seguimento de sua mãe e dela própria na produção de cultura no Recôncavo da Bahia.

Os livros produzidos até aqui, e o que esperamos também, em uma outra linguagem, da Revista Paisagens Econômicas, guardam a memória por meio das narrativas de pessoas contadoras de história em narrativas que são habitadas, estendidas, expandidas pelo cotidiano, e deslocam a forma como se produz conhecimento acadêmico e literário. Elas fazem sentir e nos permitem que possamos manter nossos corpos juntos e em luta.

O Boi Mandingueiro, nos conta Mestra Andréa, começa pedindo licença, depois faz o convite para a brincadeira. É o que fazemos aqui também, convidamos vocês a brincar de imaginar futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Deisiane. **casamendoeira**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2023.

BARBOSA, D. **Inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir**. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40197>. Acesso em: 22 abr. 2023.

BAZÍLIO, Genivaldo; VALE, Maíra. A gente faz teatro ensaiando a revolução: movimentos de territórios, cultura e arte entre Olinda, Recife e Paulista. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, Niterói/RJ, Ano 12, n. 22, p. 50-78, mar. 2022.

DUCA, Clara Amorim. **Foi um prazer estar em sua companhia**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2023.

FIGUEIREDO, Angela. “Descolonização do Conhecimento no Século XXI”. In: SANTIAGO, Ana Rita; CARVALHO, Juvenal Conceição de; BARROS, Ronaldo Crispim Sena; SILVA, Rosangela Souza da (orgs.) **Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017.

FREITAS, Any Manuela. **O samba do pé e da palma delas**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. Introdução. Tres mochilas en Colombia: Bolsas para seguir con el problema. In: LE GUIN, Ursula K. **La teoría de la bolsa de la ficción**. 1a ed. Martinez: Rara Avis Casa Editorial, 2022.

LE GUIN, Ursula K. **La teoría de la bolsa de la ficción**. 1a ed. Martinez: Rara Avis Casa Editorial, 2022.

MIRANDA, Rose. **Ninguém fica no silêncio**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2023.

MOL, Annemarie; LAW, John. Embodied action, enacted bodies: The example of hypoglycaemia. In: BURRI, Regula Valérie; DUMIT, Joseph (eds.). **Biomedicine as Culture: Instrumental Practices, Technoscientific Knowledge, and New Modes of Life**. pp. 6–87. New York: Routledge, 2007.

MORAWSKA, Catarina (Org.). **Engajamentos coletivos nas fronteiras do capitalismo**. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

PAULINO, Rosana. **Exposição Atlântico Vermelho**. Impressão digital sobre tecido, recorte e costura, 2017.

SOUZA, Lucineide. **Memórias de uma Menina da Ladeira**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2023.

VALE, Máira. **Cachoeira & a inversão do mundo**. 2018. 269f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

